JULIANA PAULA MAGALHÃES

O direito no debate marxista sobre o humanismo:

Garaudy e Althusser

Dissertação de Mestrado

Orientador: Professor Associado Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo – SP

2016

JULIANA PAULA MAGALHÃES

O direito no debate marxista sobre o humanismo:

Garaudy e Althusser

Dissertação apresentada a Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Direito, na área de concentração Filosofia e Teoria Geral do Direito, sob orientação do Professor Associado Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo – SP

2016

Nome: MAGALHÃES, Juliana Paula

Título: O direito no debate marxista sobre o humanismo: Garaudy e Althusser

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da
Universidade de São Paulo como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Direito.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meu querido mestre Alysson.

É uma honra poder seguir seus passos no caminho da luta por um mundo transformado.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Alysson Leandro Barbate Mascaro, ser humano ímpar, paradigma de intelectual e educador. Uma das mais belas dádivas que a vida me deu, foi tê-lo conhecido, ainda na graduação, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, quando cursei a disciplina Ética Profissional, por ele ministrada. De lá para cá, assisti várias de suas inesquecíveis aulas na graduação e na pós-graduação. E agora, passados quatro anos, justamente na disciplina de Ética, tenho o enorme orgulho de ser sua assistente. Faltariam linhas para externar a minha eterna gratidão, por tudo o que fez por mim. Por isso, nesse momento, apenas quero dizer que sem o professor Alysson, essa dissertação não existiria.

Ao professor Ricardo Musse, meu professor na pós-graduação, e ao professor Armando Boito Jr., brilhantes mestres, pelas imprescindíveis observações feitas na banca de qualificação.

Ao professor Márcio Bilharinho Naves, grande mestre, por ter me permitido participar do GEAL – Grupo de Estudos Althusserianos da UNICAMP, por ele dirigido.

Aos professores Angelo de Oliveira Segrillo, Gilberto Bercovici, Luís Fernando Massonetto e Vladimir Pinheiro Safatle, meus professores na pós-graduação, assim como os professores Alysson e Musse, já mencionados.

Aos colegas Walter Pedrozo Parente de Andrade, Pedro Eduardo Zini Davoglio e Marcos Alcyr Brito de Oliveira, pelas importantes colaborações prestadas nessa trajetória da pós-graduação.

Aos servidores da biblioteca da Faculdade de Direito da USP pela dedicação e prestatividade, especialmente nos cursos de orientação bibliográfica e nos plantões de dúvidas.

Aos servidores da biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e aos servidores da secretaria da pós-graduação da Faculdade de Direito da USP, pela atenção e presteza constantes.

A todos os que, de alguma maneira, contribuíram para que essa dissertação se concretizasse.

RESUMO

Juliana Paula Magalhães. O direito no debate marxista sobre o humanismo: Garaudy e Althusser. 20/10/2016. 170 folhas. Mestrado. Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo. 20/10/2016.

O presente trabalho tem por escopo procurar compreender o papel desempenhado pelo direito no capitalismo, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo estudo do debate sobre o humanismo entre os filósofos marxistas franceses Garaudy e Althusser. De início, trouxemos, em breves linhas, uma análise do embate entre Sartre e Heidegger acerca do humanismo. Enquanto em Sartre encontramos a identificação entre humanismo e existencialismo e uma valorização da subjetividade; em Heidegger, temos a postulação de uma superação da dicotomia sujeito-objeto e uma crítica expressa ao próprio uso do vocábulo humanismo. Já na esfera do marxismo, traçamos um sucinto panorama da polêmica sobre o humanismo no Partido Comunista Francês. Então, passamos a tratar da controvérsia entre Garaudy e Althusser. Para Garaudy, o marxismo é um humanismo novo e peculiar, afastado de qualquer caráter metafísico, definido como “metodologia da iniciativa histórica para realização do homem total”, sendo que essa realização plena apenas terá ensejo no comunismo. Ainda na leitura garaudyana, a alienação se mostra no despojamento da dimensão propriamente humana do homem. A raiz de todas as formas de alienação encontra-se no trabalho, tal como ele se apresenta no capitalismo. O socialismo, para ele, representa não apenas uma expansão das forças produtivas e uma mudança nas relações de produção, mas, além disso, “representa uma transformação profunda na consciência dos homens”. Para Althusser, por sua vez, o marxismo é um anti-humanismo teórico, pois, os conceitos de base do marxismo não tem qualquer relação com noções humanistas. O filósofo propugna a existência de um corte epistemológico no percurso intelectual de Marx, por meio do qual, o pensador alemão deixou para trás os conceitos ideológicos que caracterizam o humanismo, tais como, homem, sujeito, essência humana e alienação, e fundou uma nova ciência. A visão de Garaudy e Althusser sobre a produção teórica de Marx é totalmente oposta. Garaudy aponta os *Manuscritos de 1844* como o “ato de fundação do marxismo”, enquanto para Althusser, o texto ainda se encontra preso à ideologia humanista, pré-científica. A questão da subjetividade é um ponto de divergência profunda entre os filósofos franceses. Para Garaudy, o marxismo é o único caminho teórico e prático capaz de colocar o homem na condição de sujeito da história. Por sua vez, Althusser entende que o conceito de sujeito é ideológico. O pensamento althusseriano aponta o caráter basilar da ideologia jurídica, no

capitalismo. O sujeito, por excelência, é o sujeito de direito. Para ele, a história, cujo motor é a luta de classes, apresenta-se como um processo sem sujeito. Numa perspectiva de matriz althusseriana, Garaudy, ao não se desapegar de uma leitura humanista do marxismo, negando o corte epistemológico, permanece na chave teórica da ideologia jurídica. Ao longo de nossa dissertação, apresentamos os desenvolvimentos teóricos que nos permitiram chegar a esse entendimento. Salientamos que o estudo da forma jurídica teve como lastro a formulação teórica empreendida por Pachukanis.

Palavras-chave: Direito - Marxismo – Humanismo - Garaudy – Althusser

ABSTRACT

Juliana Paula Magalhães. The law in the Marxist debate on humanism: Garaudy and Althusser. 20/10/2016. 170 sheets. Master's degree. Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo. 20/10/2016.

This work has the scope of seeking to understand the role played by the law in capitalism, from the theoretical framework provided by the study on humanism debate between the French Marxists philosophers Garaudy and Althusser. Initially, we introduced a brief analysis of the clash between Sartre and Heidegger about humanism, in an existential perspective. While in Sartre we found the identification of humanism and existentialism and an appreciation of subjectivity, in Heidegger we have a postulation of overcoming of the subject-object dichotomy and a criticism expressed as to the very use of the word humanism. In the sphere of Marxism, we draw a brief overview of the controversy over humanism in the French Communist Party. So we come to deal with the dispute between Garaudy and Althusser. For Garaudy, Marxism is a new and unique humanism with no metaphysical character, defined as "methodology of historical initiative for realization of the total man", and this realization will only come to the fore in communism. Furthermore, in the Garaudy reading, alienation is demonstrated in the dispossession of the truly human dimension of man. The root of all forms of alienation is at work, as it appears in capitalism. Socialism, for him, is not only an expansion of the productive forces and a change in production relations, but also, "a profound transformation in the consciousness of men." For Althusser, in turn, Marxism is a theoretical anti-humanism because basic Marxist concepts are unrelated to humanistic notions. The philosopher advocates the existence of an epistemological break in the intellectual journey of Marx, through which the German thinker left behind the ideological concepts that characterize humanism, such as man, subject, human essence and alienation, and founded a new science. The vision of Garaudy and Althusser on the theoretical works of Marx is the total opposite. Garaudy points to the *Manuscripts of 1844* as "Marxism's founding act", while for Althusser, the text is still attached to the humanist ideology and therefore pre-scientific. The question of subjectivity is a deep point of divergence between the French philosophers. For Garaudy, Marxism is the only theoretical and practical path capable of placing man in the condition of the subject of history. In turn, Althusser believes that the concept of the subject is ideological. Althusserian thought emphasizes the fundamental nature of legal ideology in capitalism. The subject, par

excellence, is the subject of law. For him, history the driving force of which is the class struggle is presented as a process without a subject. In a perspective of the Althusserian matrix, Garaudy, by not letting go of a humanist reading of Marxism, rejecting the epistemological break, remains within the theoretical ideological framework of the law. Throughout our dissertation, we present the theoretical developments that have enabled us to reach this understanding. We emphasize that the study of the legal form had as theoretical ballast the formulation undertaken by Pachukanis.

Keywords: Law - Marxism - Humanism - Garaudy - Althusser

INTRODUÇÃO

Visões humanistas perpassaram toda a história do marxismo, considerando, inclusive, a existência de textos do próprio Karl Marx, que foram inegavelmente concebidos no âmbito de uma perspectiva humanista.

Vários pensadores marxistas discutiram e discutem a questão, no entanto, ater-nos-emos, fundamentalmente, ao embate teórico entre os filósofos franceses Roger Garaudy e Louis Althusser, por serem, talvez, os mais emblemáticos defensores de pontos de vista completamente opostos em relação ao tema, tendo, inclusive, protagonizado um debate acerca da controvérsia no âmbito do Partido Comunista Francês. De um lado Garaudy, preconizando o humanismo marxista, ou seja, defendendo a ideia de que o marxismo é um novo e peculiar humanismo e o único capaz de efetivamente colocar o homem como sujeito e construtor da própria história. De outro lado, Louis Althusser, defensor de que o marxismo se constitui, na realidade, num anti-humanismo teórico, pois localiza o humanismo não no plano da ciência ou da teoria, mas no plano da ideologia, a qual, a seu turno, apresenta-se como constituinte das subjetividades.

O debate entre Garaudy e Althusser, ocorrido no século XX, chegou a ser denominado de "calcanhar de Aquiles do marxismo"¹. Tal alcunha ao debate justifica-se, em parte, na medida em que a depender da posição a ser adotada, ou seja, ao se “tomar partido” da leitura garaudyana ou althusseriana do pensamento marxista, o próprio conceito do que seja marxismo se altera, haja vista que o grande núcleo da divergência entre os estudiosos franceses consubstancia-se na identificação ou não do marxismo com um humanismo.

Nosso objetivo central, na presente dissertação, é buscar compreender o papel desempenhado pelo direito, no contexto da sociabilidade capitalista, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo estudo do debate sobre o humanismo na esfera do marxismo, através da análise do pensamento e do confronto de ideias de Garaudy e Althusser.

¹ BAPTISTA, Pedro. **Althusser ou Garaudy? O calcanhar de Aquiles do marxismo** Disponível em: <<http://hojemacau.com.mo/?p=66184>>. Acesso em: 2014-30-08. Pedro Baptista foi fundador e dirigente da Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa (OCMLP).

A temática é de fundamental relevância para um adequado entendimento do próprio marxismo e possui implicações diretas e extremamente importantes no que tange à visão marxista sobre o direito, possibilitando uma percepção bastante ampla do fenômeno jurídico.

No primeiro capítulo do presente trabalho, para iniciarmos o nosso estudo, julgamos conveniente trazer, em sede preliminar, o debate em torno do humanismo nas filosofias da existência, destacando os principais protagonistas desse duelo de ideias no horizonte existencial, que são Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger.

A breve análise desse debate, nas linhas iniciais de nossa dissertação, justifica-se diante da conexão que ele possui com aquele ocorrido, posteriormente, no âmbito do marxismo. Tal ligação se estabelece na medida em que Althusser admite expressamente certa influência heideggeriana na construção de seu anti-humanismo teórico. Além disso, tanto Althusser quanto Garaudy chegam a dialogar com o pensamento sartreano, em alguns momentos de suas respectivas obras, de modo a combatê-lo. Para Garaudy, o humanismo propugnado por Sartre possui um caráter eminentemente burguês, não se coadunando, portanto, com o humanismo marxista. Já Althusser, por sua vez, mostra-se expressamente contrário a toda espécie de humanismo, logo, também ao sartreano, ao qual se reporta de maneira direta, em diversos momentos, tecendo-lhe duras críticas. No mais, a questão da subjetividade, vista de forma antagônica por Sartre e Heidegger, será também um dos grandes núcleos da divergência teórica entre Garaudy e Althusser, porém, numa perspectiva marxista.

Um fator relevante é que Jean-Paul Sartre, em um determinado momento de seu percurso intelectual, foi influenciado pelo marxismo, aproximando-se do Partido Comunista Francês e das lutas socialistas, contemporaneamente a Garaudy e a Althusser.

O foco no humanismo e na importância da subjetividade identificada com a liberdade foram as características marcantes do pensamento sartreano, embora com alterações ao longo de sua trajetória filosófica.

Já o pensamento de Martin Heidegger, bastante peculiar e inovador em muitos aspectos, permite as mais variadas leituras e, até mesmo, um diálogo com o marxismo.

Questões como o ser, o sentido do ser e a linguagem como morada do ser são os grandes motes do pensamento heideggeriano.

O filósofo alemão se afastou das filosofias de caráter metafísico idealista e procurou trilhar um caminho que se fundamenta na compreensão do ser, ou seja, sua filosofia é lastreada numa busca de caráter ontológico.

Tanto na obra de Sartre como na de Heidegger, a questão do humanismo foi, de certo modo, tratada em vários momentos. Inclusive, eles produziram textos específicos sobre esse tema, em que há, praticamente, um confronto direto entre suas ideias.

A controvérsia acerca do humanismo, no que tange especificamente ao debate entre esses dois filósofos, foi trazida, primeiramente, por Jean-Paul Sartre. Em seu texto, *O Existencialismo é um Humanismo*, o filósofo francês é vigoroso defensor das noções humanistas, embora procurando revesti-las de um caráter peculiar e distintivo de “outros humanismos”. Por sua vez, o pensador alemão desenvolve uma argumentação em sentido frontalmente oposto à de Sartre, em sua *Carta sobre o Humanismo*, escrita em resposta ao questionamento de Jean Beaufret, mas constituindo, na realidade, uma resposta velada ao texto de Sartre. Nela, Heidegger apresenta uma proposta filosófica, a qual pode ser interpretada como uma espécie de anti-humanismo teórico, na medida em que questiona o próprio uso da palavra humanismo, bem como postula uma superação da dicotomia sujeito-objeto, adotando, assim, uma postura filosófica oposta ao subjetivismo sartreano.

Traçadas essas breves linhas sobre o debate acerca do humanismo entre Sartre e Heidegger, passaremos a uma sucinta contextualização da controvérsia - agora no terreno marxista, no âmbito do Partido Comunista Francês - que se deu de forma bastante contundente na década de 1960, envolvendo diversos intelectuais e membros do partido, tais como Michel Simon, Lucien Sève, Michel Verret e Jorge Semprún, dentre outros.

Nesse período foram publicados vários textos abordando a questão, tanto em periódicos vinculados ao partido quanto fora dele. A querela em torno do humanismo, inclusive, foi objeto de análise em jornadas de estudos de filósofos comunistas, ocorridas em Choisy-le-Roy e em sessão do Comitê Central do PCF, realizada em Argenteuil, em março de 1966, da qual resultou uma resolução específica sobre o tema.

Os grandes protagonistas do debate no PCF foram Roger Garaudy e Louis Althusser. Garaudy era, à época, filósofo oficial do Partido e membro do *Bureau* político, além de ser um nome bastante conhecido, dentro e fora da França. Por sua vez, Althusser, professor da tradicional *École Normale Supérieure*, alcançava também grande notoriedade,

especialmente após a publicação de suas obras *Pour Marx* e *Lire Le Capital*, nas quais, inclusive, discutia a questão do humanismo.

Garaudy sai formalmente vencedor do debate, considerando que a Resolução exarada pelo PCF, após a reunião de Argenteuil, aponta para a identificação entre marxismo e humanismo, com um texto bastante próximo das proposições de Garaudy e de Louis Aragon, esse último, poeta francês e um dos redatores do documento, igualmente defensor do humanismo marxista.

Contudo, pode-se dizer que após a polêmica e os duros ataques a Althusser, a imagem de Garaudy desgastou-se no seio do Partido. Além disso, as posições políticas do filósofo, ao longo do tempo, foram se distanciando daquelas adotadas pelo Partido. O PCF, embora tenha “tomado partido” do humanismo marxista em termos teóricos, na prática agia de modo diverso. O Partido, por exemplo, não se opôs à invasão da Hungria pela União Soviética, bem como não apresentou objeção à destituição de Alexander Dubcek, defensor do “socialismo com rosto humano”, na Tchecoslováquia. Desse modo, Garaudy terminou por ser expulso do PCF em 1970.

No segundo capítulo passaremos ao estudo humanismo marxista, tal como concebido pelo filósofo Roger Garaudy. Pontos fundamentais presentes no pensamento garaudyano, tais como, a busca do “homem total”, o papel da subjetividade, a alienação e sua superação pela transcendência, bem como sua peculiar proposta de diálogo entre marxistas e cristãos, serão os objetos de nossa análise.

No terceiro capítulo o foco estará no anti-humanismo marxista do filósofo Louis Althusser. Examinaremos sua inovadora concepção de um corte epistemológico na produção intelectual de Marx e as sofisticadas construções teóricas acerca da ideologia e do sujeito, dentre outras questões fundamentais para a compreensão do anti-humanismo althusseriano.

Esse estudo do pensamento de ambos permitir-nos-á extrair as premissas e ferramentas conceituais que nos possibilitarão entender e confrontar suas visões sobre o humanismo e, conseqüentemente, sobre o próprio marxismo. Tal cotejo mais direto dar-se-á no quarto capítulo. A compreensão de cada um deles no que tange aos *Manuscritos de 1844* é uma das chaves principais para elucidarmos o cerne da divergência teórica entre os pensadores. Outro ponto fundamental são suas peculiares e distintas concepções em relação ao papel da subjetividade.

A intelecção das diferenças teóricas entre os dois filósofos franceses, especialmente no que tange ao humanismo marxista, reveste-se de capital importância para que nos seja facultado tratar com a devida propriedade o ponto nodal de nossa dissertação, a ser abordado no quinto capítulo. Tal questão consubstancia-se na procura de uma adequada elucidação a respeito de qual é a visão sobre a subjetividade jurídica e, por conseguinte, acerca do próprio direito que se apresenta mais consentânea com o pensamento marxista, considerando que, a depender da maneira pela qual se compreenda o marxismo - se como um novo e peculiar humanismo, como quer Garaudy, ou como um anti-humanismo teórico, tal como sustenta Althusser -, chegar-se-á a entendimentos diversos no que diz respeito ao fenômeno jurídico no contexto da sociabilidade capitalista, bem como das vias de transição socialista.

Impende descacar que, nossa abordagem, no que concerne à forma jurídica, terá como lastro a formulação teórica empreendida pelo jurista marxista russo Evgeny Pachukanis. Em relação à forma política estatal, além de Pachukanis, também teremos como referencial teórico as obras do cientista político alemão Joachim Hirsch e do jusfilósofo brasileiro Alysson Leandro Mascaro.

Desvendar o papel do direito e da ideologia jurídica a ele atrelada para a reprodução do modo de produção capitalista, numa perspectiva de leitura marxista, bem como em que medida se pode ou não falar de um “socialismo jurídico”, tais são as grandes contribuições que o estudo do debate acerca do humanismo marxista nos propiciará.

CONCLUSÃO

Em nosso trabalho, por meio do estudo do debate sobre o humanismo entre os filósofos marxistas franceses Roger Garaudy e Louis Althusser, buscamos uma compreensão sobre o papel do direito na sociedade capitalista.

Iniciamos a nossa trajetória, analisando, no primeiro capítulo, o embate entre os filósofos Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger acerca da questão do humanismo, numa perspectiva existencial. O problema da subjetividade tem papel crucial nesse debate.

O existencialismo é um humanismo, tal é o título de uma famosa conferência de Sartre que se transformou em livro. A identidade entre humanismo e existencialismo, para o filósofo francês, consubstancia-se no fato de que o homem se encontra presente num universo humano, sendo ao mesmo tempo livre e responsável por suas escolhas.

Já Heidegger, em seu texto *Carta sobre o humanismo*, sustenta que os humanismos, em suas mais diferentes vertentes, têm em comum o fato de estarem lastreados numa metafísica ou de converterem-se em metafísicas. O filósofo questiona o próprio uso do vocábulo humanismo e traz uma concepção nova sobre a questão, numa perspectiva classificada por muitos como anti-humanista.

Assim, enquanto Sartre constrói um pensamento filosófico baseado na subjetividade humana; Heidegger, por sua vez, propõe uma superação da dicotomia sujeito-objeto.

Roger Garaudy dialoga em alguns momentos com Sartre. Para o filósofo marxista, Sartre propugnava um humanismo de caráter burguês e individualista. De outra parte, Louis Althusser chega a admitir a influência heideggeriana em sua leitura anti-humanista do marxismo.

Traçadas breves linhas sobre o debate entre Sartre e Heidegger, passamos a uma sucinta contextualização histórica da controvérsia sobre o humanismo, já em terreno marxista, no âmbito do Partido Comunista Francês. O debate mobilizou os principais intelectuais do Partido e ganhou bastante popularidade especialmente na década de 1960.

Diversos pensadores vinculados ao Partido, célebres à época, engajaram-se na discussão, no entanto, pode-se dizer que os grandes protagonistas do debate foram os filósofos Roger Garaudy e Louis Althusser, tanto pela participação destacada do pensamento de ambos nas discussões quanto pelo fato de que cada um deles pode ser apontado como o

extrato mais puro de leituras completamente antagônicas sobre o marxismo, no que concerne à questão do humanismo, na esfera do PCF.

Garaudy, filósofo de grande notoriedade e membro do *Bureau* político do Partido, apresentava uma visão consubstanciada na identificação do marxismo com um humanismo de caráter intrínseco e peculiar. Por sua vez, Althusser, sustentava uma leitura anti-humanista do marxismo.

Os debates sobre o humanismo ganharam proeminência do Partido e isso pode ser medido, por exemplo, pelo espaço concedido na revista *Nouvelle Critique*, bem como pelas discussões ocorridas em Choisy-le-Roy e em Argenteuil. Em paralelo a isso, diversas publicações trataram do tema. Garaudy e Althusser, inclusive, publicaram livros específicos sobre o assunto, os quais adquiriram grande repercussão, até mesmo no plano internacional.

Os principais pensadores do Partido estiveram presentes em Choisy-le-Roy, entre 22 e 26 de janeiro de 1966, numa jornada de estudos, cujo tema central era a questão do humanismo marxista. Garaudy, na ocasião, mostrou-se ardoroso defensor da identidade entre marxismo e humanismo e, por conseguinte, combateu as ideias de Althusser, o qual, por sua vez, não compareceu às reuniões, mas teve um de seus textos lidos por Michel Verret.

Nos dias 11 a 13 de março de 1966, as reuniões ocorreram em Argenteuil. Dessa vez, o *bureau* político do Partido estava no comando. As discussões prosseguiram na mesma toada de combate ao anti-humanismo teórico althusseriano por parte de Garaudy. Althusser não esteve presente, pois não era membro do *bureau* político do PCF.

Dessa sessão em Argenteuil, desdobrada nos dias mencionados, resultou uma Resolução, a qual, em seu texto, “tomou partido” da leitura humanista do marxismo. Isso motivou a escrita de uma Carta ao Comitê Central do PCF, por parte de Althusser, no qual ele combate veementemente o texto da Resolução. Contudo, não há notícia de que a mencionada carta tenha sido realmente enviada.

Embora Garaudy tenha saído “vencedor” do debate sobre o humanismo na esfera do PCF, pode-se dizer que tal não se deu de modo pleno. As duras críticas desferidas a Althusser, muitas delas carentes de um substrato teórico consistente, pelo menos na visão de muitos membros do Partido, terminaram por enfraquecer a imagem do filósofo. Além disso, as posições políticas de Garaudy foram, ao longo do tempo, distanciando-se daquelas propostas pelo Partido. Na realidade, o humanismo marxista no PCF possuía muito mais um caráter retórico do que efetivamente prático. Como exemplo disso, é possível citar eventos

como a falta de oposição do Partido à invasão da Hungria pela União Soviética e a ausência de contestação ao ostracismo político ao qual fora condenado Alexander Dubcek na Tchecoslováquia, justamente ele que era o defensor da ideia de um “socialismo com rosto humano”.

Assim, as crescentes divergências políticas entre Garaudy e o PCF, culminam com a expulsão do filósofo do Partido, em 1970. Althusser, por sua vez, permanece membro do Partido por toda a vida, embora não comungasse das posições “stalinistas” do Partido, bem como se apresentasse, ao longo tempo, contrário a muitas das posturas teóricas adotadas pelo PCF.

No segundo capítulo de nossa dissertação, empreendemos um mergulho no humanismo marxista apregoadado por Garaudy. Para o filósofo, o humanismo é inerente ao marxismo. Tal humanismo, no entanto, na ótica garaudyana, é distinto de todas as outras formas de humanismo já concebidas. Trata-se de humanismo distante de qualquer caráter metafísico, mas atrelado à concretude das relações sociais. Nessa leitura, o homem se apresenta como sujeito da história. Assim, a subjetividade ganha papel preponderante. Contudo, ela é concebida de modo relacional, de modo muito diverso, portanto, do individualismo burguês, segundo Garaudy. O “nós” mostra-se anteposto ao “eu”, embora não negue o “eu”.

O humanismo marxista é definido, pelo filósofo, como “metodologia da iniciativa histórica para a realização do homem total”. Para Garaudy, o homem total é o homem comunista, ou seja, apenas o comunismo permitirá que o homem atinja tal condição. No capitalismo, tem-se a alienação do homem, cujo fundamento encontra-se nas condições de vida do trabalhador. O homem se apresenta despojado de sua dimensão humana, deixa de ser sujeito e torna-se objeto. A raiz de todas as formas de alienação encontra-se na separação do trabalhador dos meios de produção. Assim, a superação da alienação do trabalho representará, portanto, a superação de todas as outras espécies de alienação.

A revolução, desse modo, tem papel fundamental, a qual não necessariamente deve consubstanciar-se numa ação violenta, mas poderá desencadear-se de diversas maneiras, de conformidade com a relação de forças existente em cada situação concreta. Assim, essa revolução se caracteriza pela transformação tanto das relações de produção quanto do próprio homem. Desse modo, uma revolução para a sociedade é o mesmo que a conversão para o indivíduo.

A transcendência, um dos conceitos fundamentais no pensamento garaudyano, representa a possibilidade de superação da alienação, ou seja, de superar a realidade concreta em busca de novos horizontes possíveis. Tais horizontes não são de caráter metafísico, mas devem ser materialmente construídos.

O diálogo com as religiões é uma das grandes propostas de Garaudy. Para ele, tanto o cristianismo quanto o marxismo são formas de humanismos, ainda que distintas. Em ambos, a noção de subjetividade é fundamental, embora, no marxismo, ela adquira um caráter relacional e concreto.

O anti-humanismo teórico proposto por Althusser foi o objeto de análise do terceiro capítulo de nosso trabalho. Para o filósofo, o marxismo é um anti-humanismo teórico, pois, os conceitos de base do marxismo não tem qualquer relação com noções humanistas. O filósofo propugna a existência de um corte epistemológico no pensamento de Marx. Para ele, Marx inaugura um novo continente ao conhecimento. Assim, as obras do filósofo alemão podem ser divididas em obras da juventude (1840-1844), obras do corte (1845), obras da maturação (1845-1857) e obras da maturidade (1857-1883). Ao longo do tempo, Althusser reelabora sua concepção de corte, apresentando-a como um processo, no entanto, ele sempre permaneceu fiel à ideia da existência de uma ruptura no pensamento de Marx.

Para Althusser, o marxismo não é um humanismo, a análise marxista não parte do homem, mas da causalidade estrutural que produz esse efeito ideológico. Desse modo, o homem não se apresenta como sujeito da história. Para ele, “o par/pessoa coisa está na base de toda ideologia burguesa”. Assim, o humanismo é, na realidade, uma ideologia. Logo, o marxismo jamais pode ser identificado como um humanismo, sob pena de se entravar o desenvolvimento da teoria marxista.

A subjetividade, para Althusser, possui caráter ideológico, ou seja, a categoria sujeito é constitutiva de toda a ideologia, cujo advento se dá a partir da concretude das relações sociais. Ao mesmo tempo, a ideologia tem como função definidora e condição de existência a constituição dos indivíduos em sujeitos, mediante um processo de internalização ideológica, o qual opera no nível do inconsciente. Althusser, ao longo de seus desenvolvimentos teóricos, irá apontar o caráter basilar da ideologia jurídica, no capitalismo. Portanto, o sujeito, por excelência, é o sujeito de direito.

Um cojeto mais direito entre o pensamento de Garaudy e Althusser, foi trazido no quarto capítulo. A chave para a compreensão da divergência teórica entre os filósofos está

na leitura que cada um deles faz do percurso intelectual de Marx. Enquanto Garaudy entende haver uma continuidade no pensamento do filósofo alemão, especialmente a partir dos *Manuscritos de 1844*, embora reconheça a existência de melhores elaborações teóricas ao longo do tempo; Althusser vislumbra a existência de um corte epistemológico na produção intelectual de Marx, de modo que o referido texto fora concebido por Marx, em seu período de juventude, quando ainda não era marxista, ou seja, quando não havia fundado ainda a ciência da história.

A visão de Garaudy e Althusser em relação à caminhada intelectual de Marx é totalmente oposta. Enquanto Garaudy entende que Marx percorrerá um trajeto de construção de um humanismo novo e peculiar; para Althusser, Marx irá se distanciar do humanismo e trabalhará a partir de uma nova problemática, deixando para trás conceitos como os de homem, alienação, trabalho alienado, dentre outros.

A visão acerca da subjetividade é um ponto de divergência profunda entre os filósofos franceses. Para Garaudy, o marxismo é o único caminho teórico e prático capaz de colocar o homem na condição de sujeito da história. Por sua vez, Althusser entende que o conceito de sujeito é ideológico. Para ele, a história, cujo motor é a luta de classes, apresenta-se como um processo sem sujeito. Logo, não há sujeito da história, ainda que existam sujeitos na história.

Assim, para Althusser, o humanismo é uma ideologia, logo, uma leitura humanista do marxismo não é científica. Marx, em seu método de investigação, após o corte epistemológico, não parte do homem. Portanto, Garaudy, ao lastrear seu estudo, embasando suas construções teóricas a partir do homem, não avançou numa compreensão científica do marxismo. Desse modo, para Althusser, Garaudy nunca chegou a ser marxista.

No quinto capítulo, abordamos o ponto nodal da nossa dissertação: o direito no debate marxista sobre o humanismo. Nele pudemos perceber a profunda influência desse debate para a compreensão do próprio direito numa perspectiva marxista.

Garaudy, embora teça críticas à universalidade abstrata constante, por exemplo, na Declaração dos Direitos do Homem de 1789, bem como à ideologia da liberdade e da igualdade jurídicas, as quais, para ele, na prática, mascaram as desigualdades reais e permitem a continuidade da exploração da classe trabalhadora pela burguesia; não avança na compreensão dos fundamentos da ideologia jurídica e do direito. Isso se dá, numa perspectiva althusseriana, justamente pelo fato de Garaudy não se desapegar de uma leitura

humanista do marxismo, focada no papel da subjetividade. Além disso, o fato de Garaudy apontar os *Manuscritos de 1844* como o “ato de fundação do marxismo”, por si só, demonstra que ele, não obstante tenha uma postura crítica em face do direito, essa crítica ainda permanece na chave teórica da ideologia jurídica.

Portanto, avançando por uma linha de pensamento althusseriana, tem-se que Garaudy não consegue chegar ao cerne da questão do papel do direito no capitalismo. O jovem Marx e, por conseguinte, Garaudy, ao basear sua crítica ao capitalismo na crítica da alienação, caminha no horizonte da ideologia jurídica. Isso ocorre, pois a alienação caracteriza-se por ser uma relação entre sujeito e objeto, concebida como ato jurídico contratual, sob o modelo da compra e venda. Por conseguinte, a propriedade privada termina por ocupar um papel central nessa leitura empreendida por Marx nos *Manuscritos de 1844*. Na realidade, a visão de Garaudy sobre o marxismo ainda se encontra atrelada à subjetividade jurídica.

Ainda seguindo por um caminho de matriz althusseriana, tem-se que a relação “sujeito/objeto” enquanto relação de propriedade, consubstanciada no sujeito de direito constituído pela ideologia jurídica, estrutura e dá forma universal as ideologias em geral. A partir daí, podemos compreender o par “humanismo/economicismo” presente na obra do jovem Marx, na qual o próprio comunismo é pensado em categorias “retiradas” da ideologia burguesa.

Destarte, a leitura humanista do marxismo empreendida por Garaudy, termina por impedir uma compreensão do fenômeno jurídico em sua plenitude.

É verdade que a grande contribuição da leitura althusseriana encontra-se em possibilitar uma compreensão da ideologia jurídica como atrelada e necessária à própria reprodução do capital. Contudo, Althusser não avança no que tange ao entendimento da forma jurídica enquanto forma social do capitalismo. Para isso, precisamos recorrer a obra do jurista russo Evgeny Pachukanis. No entanto, até para que possamos lançar mão da obra de Pachukanis de maneira eficaz - o qual lastreia seu estudo sobre o direito nas obras de maturidade de Marx - a leitura althusseriana do marxismo é fundamental, pois permite que enxerguemos a mudança de problemática existente na obra do pensador alemão.

Portanto, a partir dessas constatações, em nosso último capítulo, seguimos por uma trilha althusseriana e pachukaniana, de modo a lançar alguma luz no que se refere ao papel

do direito no capitalismo, bem como para procurar demonstrar a impossibilidade teórica e, por conseguinte prática, de um “socialismo jurídico”.

Para Althusser, o “funcionamento” do direito se perfaz tanto por meio da repressão estatal quanto por meio da ideologia jurídica. A eficácia material da ideologia burguesa é assegurada pelo direito e o fundamento dessa ideologia é, em última instância, constituído pela subjetividade jurídica e pelas categorias a ela atreladas. Assim, a estruturação da ideologia burguesa é dada pela ideologia jurídica, assegurando a permanência das formas sociais burguesas, especialmente da forma jurídica e da forma política estatal.

Pachukanis avança na compreensão da forma jurídica “como equivalente e reflexo da forma da mercadoria”. A relação entre ambas as formas se elabora e se perfaz nas relações de produção, num processo de *sobredeterminação*, tal como observa Naves.

Destarte, conforme destaca Edelman, a realização das forças produtivas capitalistas é concretamente realizada no sujeito de direito. A eficácia da circulação no capitalismo é assegurada pelo direito.

A figura do sujeito de direito é peculiar e necessária ao capitalismo, na medida em que permite ao indivíduo proletário, apartado da propriedade dos meios de produção, vender sua força de trabalho no mercado. Assim, liberdade e igualdade se apresentam como condições imprescindíveis à circulação econômica.

No capitalismo, o trabalho passa a ser assalariado, assim, assume caráter abstrato, conectado ao circuito das formas mercantis. Em suma, o trabalho toma a forma da mercadoria de maneira universal.

O capitalismo é estruturado a partir de formas sociais a ele inerentes, tais formas advêm da concretude das relações sociais. Capitalistas e proletários assumem a forma sujeito de direito. Nesse quadro surge a necessidade da forma política estatal enquanto aparato social específico e apartado do domínio direito da burguesia. Portanto, o circuito das relações sociais de produção engendra a forma jurídica e a forma política estatal, ambas, desse modo, derivadas da forma da mercadoria. Forma jurídica e forma política estatal realizam entre si um “vínculo de *conformação*”, numa espécie de “derivação de segundo grau”, tal como observa Mascaro. O acoplamento definitivo entre ambas dar-se-á com a chancela formal do Estado, num momento posterior, normativo.

Por conseguinte, numa perspectiva marxista, no que tange ao direito, é possível perceber claramente que não será por meio de normas jurídicas que se logrará uma efetiva

transformação das estruturas sociais, haja vista que a ideologia jurídica e a forma jurídica são atreladas e necessárias à reprodução capitalista.

A identificação de marxismo e humanismo termina por encerrar a leitura marxista sobre o direito no leito de Procusto da ideologia jurídica. A mirada em uma possível transição socialista apenas se torna viável quando desatrelada do horizonte jurídico, pois todo direito é, intrinsecamente, capitalista e burguês.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Sartre: direito e política**. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-19092012-144850/>>. Acesso em: 2016-07-07.

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Tradução de LOUREIRO, Maria Leonor F.R. Campinas: Unicamp, 2015.

_____. Marxismo, Ciência e Ideologia. In: **Marxismo Segundo Althusser**. Sinal, 1967.

_____. L'objet du "Capital". In: ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. **Lire le Capital I**. Paris: François Maspero: 1973.

_____. **Éléments d'auto-critique**. Paris: Hachette, 1974.

_____. **Freud e Lacan. Marx e Freud**. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

_____. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. In: **Posições**. Tradução de João Paisana: Lisboa: Horizonte, 1977.

_____. Sobre a Revolução Cultural. Tradução de Márcio Bilharinho Naves. In: NAVES, Márcio Bilharinho (Org.). **Presença de Althusser**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

_____. **Sobre a Reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Rio de Janeiro, Vozes: 2008.

_____. **Seis Iniciativas Comunistas – Sobre el XXII Congreso del PCF**. Tradução de Gabriel Albiac. Siglo XXI, 1977.

_____. **Conférence sur la dictature du prolétariat à Barcelone**. Disponível em: <<http://revueperiode.net/un-texte-inedit-de-louis-althusser-conference-sur-la-dictature-du-proletariat-a-barcelone>>. Acesso em 12 mar 2016.

_____. **Ler O Capital**. v. 2. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

_____. Resposta a John Lewis. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: **Posições 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. Carta aos camaradas do Comitê Central do PCF. **Crítica Marxista**. n. 41, 2015.

_____. Defesa da Tese de Amiens. In: **Posições**. Tradução de João Paisana: Lisboa: Horizonte, 1977.

_____. **Polémica sobre Marxismo y Humanismo**. Traducción de Martha Harnecker. México: Siglo Veintiuno, 1968.

_____. **Polêmica sobre o humanismo**. Tradução de Carlos Braga. Lisboa: Presença, 1967.

_____. **Réponse a John Lewis**. François Maspero, 1973.

_____. Filosofia y Marxismo – entrevista por Fernanda Navarro. México: Siglo Veintiuno, 1988.

_____. **L’avenir dure longtemps suivi de Les faits**. Paris: Stock, IMEC, 1992.

_____. A querela do humanismo. **Crítica Marxista**, n. 9. São Paulo, Xamã, 1999.

_____. A querela do humanismo II. **Crítica Marxista**, n.14. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo século XX**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo, UNESP: 2009.

AZZARO, Salvatore. Garaudy e gli “ortodossi”. In: **Althusser e la critica**. Roma: Studium, 1979.

BALIBAR, Étienne. L’objet d’Althusser. In: LAZARUS, Sylvain (Org.). **Politique et Philosophie dans l’œuvre de Louis Althusser**. Paris: PUF, 1993.

_____. **Cinq études du matérialisme historique**. Paris: François Maspero, 2006.

_____. Sobre la dictadura del proletariado. Madri: Siglo XXI, 1977.

_____. **Althusser et Mao**. Disponível em: <<http://revueperiode.net/althusser-et-mao/>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BELLOIN, Gerard. Le Comité Central d’Argenteuil. **Le parti communiste français: archives et objet d’histoire**, n. 76/77, 2003/2004, p. 81, Gerard Belloin

BOFF, Leonardo. Atualidade da Profecia. In: GARAUDY, Roger. **Rumo a uma Guerra Santa?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BOITO JR., Armando. **Estado, política e classes sociais**. São Paulo: UNESP, 2007.

BOITO JR., Armando. Emancipação e revolução: crítica à leitura lukacsiana do jovem Marx. **Crítica Marxista**, n. 36. São Paulo: UNESP, 2013.

CRANSTON, Maurice. The Thought of Roger Garaudy. **Problems of Communism** 19, n. 5, September/October 1970.

DOMESGUE, Raymond. O Marxismo é um Humanismo?. In: **Marxismo Segundo Althusser**. Sinal, 1967.

EDELMAN, Bernard. **O Direito Captado pela Fotografia - Elementos para uma teoria marxista do direito**. Tradução de Soveral Martins e Pires de Carvalho. Coimbra: Centelha, 1976.

ELLIOTT, Gregory. **Althusser: The detour of the theory**. Boston: Brill, 2006.

EVANGELISTA, Walter José. Althusser e a psicanálise. In: ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

GARAUDY, Roger. **Humanisme Marxiste – Cinq Essais Polémiques**. Paris: Editions Sociales, 1957.

_____. A propos des “manuscris de 1844” de Marx. In: **Cahiers du Communisme**, mars, 1963, p. 107-126.

_____. **Qu’est-ce que la morale marxiste**. Paris: Éditions Sociales, 1963.

_____. **Karl Marx**. Paris: Seghers, 1964.

_____. **Le Problème chinois**. Paris: Seghers, 1967.

_____. **O Marxismo do Século XX**. Tradução de Leandro Konder e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. Estruturalismo e Morte do Homem. **Estruturalismo e Marxismo**. Tradução de Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p. 166-190.

_____. **Perspectivas do Homem**. Tradução de Reinaldo Alves Ávila. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pour un modèle français du socialisme**. Paris: Gallimard, 1968.

_____. **Do anátema ao diálogo**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

_____. **A grande virada do socialismo**. Tradução de José Paulo Netto e Gilvan Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **A Alternativa – Modificar o Mundo e a Vida**. Lisboa: Dom Quixote, 1972.

_____. GARAUDY, Roger. **Palavra de Homem**. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: DIFEL, 1975.

_____. **Perspectives de l’homme**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

_____. **O Projeto Esperança.** Tradução de Virgínia Novaes da Mata-Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.

_____. **Apelo aos vivos.** Tradução de H.P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **Toda a Verdade.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARAUDY, Roger et al. **Marxismo e Existencialismo – Controvérsia sobre a Dialética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

GEERLANDT, Robert. **Garaudy et Althusser - Le débat sur l'humanisme dans le parti communiste français et son enjeu.** Paris: P.U.F., Travaux et Recherches de l'Université du Droit et de la Santé de Lille, série Droit Public et Science Politique, 1978.

HANDFAS, Anita. **Uma leitura crítica das pesquisas sobre as mudanças nas condições capitalistas de produção e a educação do trabalhador.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/handfast2006.pdf>. Acesso em: 2016-29-08.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Humanismo.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3ª ed. Rio de Janeiro: 2009.

ILLAS, Edgar. The Procrustean Bed of Class Struggle. *Décalages*: v. 1. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss3/2>>. Acesso em: 23 jun 2016

KAKKORI, Leena; HUTTUNEN. The Sartre-Heidegger Controversy On Humanism and the Concepty. **Educational Philosophy and Theory**, v. 44, n. 2, 2012.

HIRSCH, Joachim. **Teoria Materialista do Estado.** Tradução de Luciano Cavini Matorano. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

LECOURT, Dominique. **Marxism and Epistemology.** Translated from de French by Ben Brewster. London: NLB, 1975.

LEWIS, Willian S. Louis **Althusser and the Traditions of French Marxism.** Oxford: Lexington Books, 2005, E-Book

_____. Editorial Introduction to Louis Althusser's 'Letter to the Central Committee of the PCF, 18 March 1966'. In: **Historical Materialism** 15, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse.** Tradução de Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O Capital.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____. Sobre Feuerbach (1845). In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Rubens Enderle; Nélcio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARO, Alysson Leandro. **Utopia e Direito – Ernst Bloch e a ontologia jurídica da utopia**. 2. ed. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

_____. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Filosofia do Direito**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. Apresentação do documento “Carta aos camaradas do Comitê Central do PCF”. **Crítica Marxista**, n. 41, 2015.

MATA, José Veríssimo Teixeira da. Althusser ou Marx sem Hegel. In: MUSSE, Ricardo. LOUREIRO, Isabel Maria (Org.). **Capítulos do Marxismo ocidental**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 192.

MATHERON, François. Louis Althusser et Argenteuil: de la croisée des chemins au chemin de croix. Disponível em: < <http://www.caute.lautre.net/spip.php?article769> >. Acesso em: 22 dez. 2015.

MONAL, Isabel. Ser genérico, esencia genérica en el jovem Marx. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 16, 2003.

MOTTA, Eduardo Luiz. A favor de Althusser – revolução e ruptura na Teoria Marxista. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

NAVES, Márcio Bilharinho. **A Questão do Direito em Marx**. São Paulo: Outras Expressões; Dobra Universitário, 2014.

_____. **Marxismo e Direito – um estudo sobre Pachukanis**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Stalinismo e capitalismo. In: **Análise Marxista e Sociedade de Transição**. Campinas: UNICAMP, 2005.

_____. **Ciência e Revolução**. São Paulo: Quartier Latin, 2008.

NETTO, José Paulo; RIBEIRO, Gilvan P. Nota dos tradutores. In: GARAUDY, Roger. **A Grande Virada do Socialismo**. Tradução de José Paulo Netto e Gilvan P. Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

PACHUKANIS, Evgeny. **Teoria Geral do Direito e Marxismo**. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Acadêmica, 1988.

PEROTTINO, Serge. **Garaudy e o Marxismo do Século XX**. Lisboa: Estudios Cor, 1972.

PINTO, José Rui da Costa. Marxismo e subjetividade – O contributo de Roger Garaudy. **Revista Portuguesa de Filosofia**. T. 40. Fase 1/2, Marxismo-III (Jan. – Jun. 1984), pp. 103-130.

ROCKMORE, Tom. **Heidegger and French Philosophy – Humanism, antihumanism and being**. London: Routledge: 1995.

RODRÍGUEZ V., Julián. **La transcendencia en el marxismo de Roger Garaudy**. Caracas: Salesiana, 1984.

SAMPEDRO, Francisco. A teoria da ideologia de Althusser. In: NAVES, Márcio Bilharinho (Org.). **Presença de Althusser**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Marxismo e Existencialismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

THÉVENIN, Nicole-Edith. Ideologia jurídica e ideologia burguesa (ideologias e práticas artísticas). Tradução de Márcio Bilharinho Naves. In: NAVES, Márcio Bilharinho (Org.). **Presença de Althusser**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

_____. O itinerário de Althusser. In: NAVES, Márcio Bilharinho (org.). Tradução de Márcio Bilharinho Naves. **Presença de Althusser**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

_____. **Révisionnisme et philosophie de l'aliénation**. Paris: Christian Bourgois, 1977.

TURCHETTO, Maria. As características específicas da transição ao comunismo. Tradução de Márcio Bilharinho Naves. In: **Análise Marxista e Sociedade de Transição**. Campinas: UNICAMP, 2005.

VINCENT, Jean-Marie. La lecture symptomale chez Althusser. In: LAZARUS, Sylvain (Org.). **Politique et Philosophie dans l'œuvre de Louis Althusser**. Paris: PUF, 1993.